

# Entrevista

## Entrevista

Professor Pedrinho Guareschi<sup>1</sup> fala sobre Mídia, poder e sociedade  
Media, power and society

E-mail: [guareschi@puccs.br](mailto:guareschi@puccs.br)

C&I – A discussão da mídia hoje é a idéia da argumentação. A mídia privatizada não dá espaço para a argumentação. Como proposição para o seguinte debate discutimos que exato papel a mídia pode ocupar na construção na esfera democrática considerando-se a sua estruturação: a concentração, o controle elitista fortíssimo e as novas tecnologias que aparecem todas nas mãos das antigas elites. Essa mídia tem salvação, e até mesmo pode-se pensar na proposta da mídia radical, que vai não só da mídia strictu senso, mas também aos movimentos aos movimentos radicais como o teatro, os movimentos culturais de rua? Assim, já que é uma evidência que existem esses movimentos e existem esses furos, a pergunta seria a respeito da efetividade. Até que ponto esses movimentos, as novas esferas públicas e os novos movimentos sociais possuem a capacidade para fazer frente ao extraordinário poder econômico e político da mídia dos grandes grupos consolidados?

Pedro Guareschi – A mídia é aquela dimensão que legitima o econômico e o político, ou seja, ela é essencialmente legitimadora.

Atualmente, todas as grandes corporações possuem o seu tripé, que seria o financeiro, o produtivo ou econômico, e o midiático. Sem esse tripé não há organização que se sustente no mundo hoje. O Mattelart (Armand Mattelart, autor francês) trabalha muito bem essa questão. Não temos uma verdadeira comunicação hoje, desse modo não temos também uma verdadeira esfera pública. Porque a verdadeira esfera pública seria lugar no qual o fato é colocado e debatido, havendo um diálogo no qual poderia ser verificada uma igualdade, que é o que se chama ação comunicativa.

C&I – E que leva a uma deliberação na qual todos se reconhecem e essa deliberação é tida como comum.

Pedro Guareschi – E que é o fundamento da ética. Queiramos ou não sempre entramos no campo da ética, uma vez que ela determina o que está certo e o que não está, ou ainda o que é o ruim. Esse é um ponto que tenho como importantíssimo, que é a questão da ética hoje. Qual é o fundamento da ética hoje? Grandes filósofos éticos como o Habermas, como Karl Popper o Boaventura Sousa Santos, Hanna

Professor Dr. Pedrinho Guareschi - PUCRS. Entrevista concedida em outubro de 2005 aos professores da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da UFG Joãoamar Carvalho, Lisa França e Luis Signates.

Arendt, Agnes Heller, todos se preocupam com essa questão. Todas as grandes irracionalidades globais como guerras, até mesmo financeiras (dos cinquenta trilhões 20 estão no setor produtivo e 30 estão nesse “capital andorinha” (especulação financeira), nos faz pensar como esses absurdos podem existir. A única saída para essas irracionalidades todas está no que Boaventura Santos resume em uma frase muito boa que é “pensar globalmente e agir localmente”. No fundo, todos eles retornam ao conceito de comunidade, sejam comunidades interpretativas ou comunidades de comunicação, refletindo assim o individual e o social.

O mundo da vida para o Habermas é a comunidade, essa comunidade interpretativa. Ora, ele morava em um grande centro. Na comunidade o indivíduo é sentido, é amado, é querido. Ele deixou a cidade grande e foi morar em uma aldeia, já que na aldeia ele passou a ser o *Jürgen*. Lá todos sabiam quando ele chegava ou saía, ele era amado, ele amava os outros e se conheciam. É possível estabelecer hoje um debate que institui a ética nas comunidades, onde todos têm voz e têm vez. É na comunidade que dizem a palavra, que expressam sua opinião, que manifestam seu pensamento. Essas comunidades deveriam chegar essa instituição da esfera pública, que também possui uma ética, evidente sempre possuirá. A saída que esses filósofos dão é voltar à comunidade, é começar a pensar globalmente e a agir localmente.

C & I – Isso não têm uma afinidade enorme com o pensamento ecológico? Não são esses grandes problemas ambientais que podem mudar essa lógica pela catástrofe, pelo caos e não pela opção ética mesmo? lisa

Pedro Guareschi – É na comunidade que a turma respira o ar, vê o lixo, percebe o sentido da vida, percebe a árvore.

C & I – E a ameaça à vida é real.

Pedro Guareschi – Realmente, é muito concreta. O que se tem hoje são grandes irracionalidades globais. Grupos que detêm a grande mídia cada vez em uma concentração maior e que não respeitam as pessoas e as comunidades lá em baixo. Eles falam de cima, em uma visão única, sem interação. Qual é a briga que nós temos de enfrentar hoje? Qual a saída para se contrapor a essas irracionalidades globais? Todos esses autores falam do conceito de comunidade para se chegar à democracia e se chegou a um outro conceito de democracia, que é o que chamam de democracia participativa. Os grandes meios de comunicação, então, não são respostas às comunidades locais, onde o ser humano existe.

O que representa o Fórum Mundial Social? Há três questões que nos ajudam a compreendê-lo. Primeiro o fato de que ele não é apenas econômico, mas também social. Em segundo lugar, ele representa a falência dos governos oficiais, já que 80% dos participam do Fórum Mundial Social são as organizações não governamentais, as ONGs, hoje elas já são 5 a 6 milhões. Uma ONG é um tipo de governo popular, ao menos naquela esfera específica na qual ela se estrutura. Então, o FSM não é só econômico, é também social e a política oficial: os governos estão muito mal e por isso a sociedade civil está assumindo por intermédio das ONGs o que é o sinal de um novo tipo de democracia, que se chama democracia participativa em contraposição a uma democracia representativa.

A democracia representativa é aquela na qual o indivíduo vota em alguém por quatro anos que não corresponde às expectativas e depois desse período ele se apresenta a reeleição. Já a democracia participativa é aquela que consulta os cidadãos organizados em

entrevista

entrevista

toda a organização possível, tais como igreja, comunidade de bairro, clubes de mães, todas as comunidades organizadas estabelecem formas de consultar sobre os problemas e as demandas dessas comunidades, como eles desejam que sejam tratadas questões como saúde, educação, segurança que são os problemas básicos da sociedade. Após a consulta, em uma linha de articulação, vão eleger os delegados, mas linha de execução e não em uma direção de organização legislativa, como a de uma câmara de vereadores.

O que é preciso é que haja um poder executivo aberto às perguntas dessas comunidades de base. A verdadeira política seria aquela que venha responder às comunidades organizadas e na base existiriam as comunidades e tudo que se pudesse decidir na comunidade deveria ser decidido lá mesmo. A questão do próprio orçamento, a saúde, a educação, a segurança, essas questões básicas já citadas. Só seria repassado ao município aquilo que não pode ser decidido nesses níveis de base e assim sucessivamente aos governos do estado e do país. Essa seria a verdadeira política, uma política realmente democrática. Por que democrática? Porque a democracia é dizer a palavra.

E se ele (o indivíduo) diz a palavra, ele participa do projeto e não apenas na execução e nos resultados. Essa participação seria durante o período em que é decidido quem faz o quê (a execução) e quem fica com o quê (os resultados). A grande falácia de falar em participação é que os indivíduos são convidados a participar apenas na execução, o operário faz tudo, nós fazemos tudo. E o resultados? Os resultados mostram sua ineficácia como no caso do Brasil, o país é vice-campeão mundial em distribuição de renda. O interessante, como já disse, é participar no projeto, no processo em que se decide quem faz o quê e quem fica com o quê.

A verdadeira política, aquela que chaga na base, tem no orçamento participativo uma questão crucial. É por esse motivo que vários países estão percebendo os orçamentos participativos, como no caso de Porto Alegre, por exemplo.

Vejamos, por exemplo, o Clinton, que se elegeu com 28% dos votos, o prefeito de Huston, no Texas, se elegeu com 6% dos votos. Que democracia é essa? Dessa maneira o povo começa a desacreditar da política, da democracia representativa. Conclui-se, com isso, que a saída que os grandes pensadores éticos sociais hoje estão sugerindo é que diante dessas irracionalidades globais deve-se “pensar globalmente e agir localmente”. Agir localmente significa a construir de comunidades que sejam tanto quanto possível autônomas e que decidam tudo que diz respeito a elas, já que é lá na comunidade que eu me sinto amado, é lá que eu sinto o mau cheiro. A ecologia é um grande gancho do estabelecimento dessas democracias participativas.

C&I – O que seria psicologia social e como ela contribui nesse conceito de comunidades sociais?

Pedro Guareschi – É um termo que significa que relação é aquilo pela qual uma coisa não pode ser se não tem outra. É o direcionamento intrínseco de um ser em direção ao outro, de tal modo que só pode ser se tem o Outro. É isso que o liberalismo nunca entendeu e não vai entender nunca. Tomamos por exemplo a relação de mãe, na qual ninguém pode ser mãe sozinha, sendo necessário um companheiro e um filho. Desse modo, quem faz o indivíduo mãe são os outros. Relação dá conta da singularidade e da pluralidade. Em um outro exemplo, temos Santo Agostinho e o modo como ele conseguiu explicar o absurdo que parecia dizer que três são um (a trindade). Ele o fez mediante o

entrevista

entrevista

entrevista

entrevista

conceito de relação. Ele distingue claramente entre o indivíduo, que é aquele que é um e não tem nada a ver cada com os outros, que é o centro do liberalismo; e relação, que é aquele que é um e não pode ser sem o Outro. Um grupo se compõe de relações e psicologia social só é possível a partir do conceito de relação. Citando a autora Sandra<sup>1</sup>:

*“A psicologia da relação é a ciência da relação entre o ser humano e a sociedade. Ela se centra na relação, mostrando que não há um sem o outro. É a ciência do entre”.*

O último livro que vai entrar nessa coleção de psicologia social é uma obra de Ivana Marcova de Stirley, na Inglaterra, no qual ela reflete que ontologicamente falando não existe nenhum grupo e nenhum indivíduo. Eles são qualquer elucubração teórica, ontologicamente existe só o entre, a relação. Diferentemente da sociologia, cujo objeto oficialmente falando é o grupo reificado. Mas no momento que uma sociologia quiser fugir do reducionismo, do reificação, ela se transforma em uma psicologia social. E no momento que a psicologia quiser ser verdadeiramente real, ontologicamente falando, ela deve deixar o reducionismo do indivíduo e vir a ser psicologia social. Por isso que Freud disse não existe psicologia, só existe psicologia social.

É preciso superar as dicotomias. Não há uma dicotomia entre indivíduo e sociedade, é impossível uma sociedade sem pessoas é impossível uma pessoa sem o social, o que existe é o entre, a relação. Isso a Ivana Marcova chama de dialogicidade, de que trata no livro que vai ser publicado. E ela recorre à filosofia hindu, à filosofia chinesa e às filosofias orientais como um todo para mostrar que sempre existiu a dualidade. É uma coisa corajosa, mas que, para mim, faz sentido.

C & I – Nesse sentido, que autores têm

provocado reflexões ou respondido a suas inquietações?

Pedro Guareschi – Em 1998 participei de em um encontro em Cracóvia, na Polônia, sobre essa questão da psicologia social. E lá fiz minha primeira apresentação sobre o assunto. Nele eu trato sobre as grandes cosmovisões do mundo, a cosmovisão liberal, a cosmovisão totalitária e a cosmovisão que eu chamo de comunitarismo solidário, na qual o conceito de ser humano é a relação.

C & I – E o que você pode dizer sobre as nossas comunidades indígenas?

Pedro Guareschi – O que mais me abismou nos índios Ticunas é que uma criança não tem dono lá, elas são da tribo. As mães dão de mamar a todas as crianças, o que é inconcebível na nossa classe média alta, por exemplo.

C & I – Há um grande debate na Europa do estudo da relação, que é o centro da teoria pragmática da comunicação, com o grupo de Palo Alto, o Gregory Bateson, no Brasil chegou a se estabelecer uma base de estudo disso?

Pedro Guareschi – A história da psicologia social no Brasil passa por canais bem engraçados. O livro “Raízes da Moderna Psicologia Social”, do Robert Farr e que vale a pena ser lido. Ele pesquisou 25 anos para escrevê-lo. Nesse livro ele mostra a psicologia social, que nasceu com o Vulvit, (quem??) e que os americanos na verdade se apropriaram apenas do seu laboratório, a psicologia experimental. Eles esqueceram os 10 volumes do autor que escreveu de 1910 a 1920, um livro por ano, uma mostra do ato metódico do autor, planejado, que por sinal veio a falecer após publicado o último volume. Isso

<sup>1</sup> Sandra Jovechelovitch, autora do trabalho *Psicologia social: saber, sociedade e cultura*.

tudo foi esquecido pelos americanos: as religiões e os mitos. Como ele recupera Durkheim e recupera até Freud, porque a psicologia social se coloca no estudo de algo que é imaterial, por isso é *psique*, mas é social. É algo que não existe sem alguém que os ancore. Os americanos esqueceram tudo e entraram em uma psicologia individualista e experimentalista.

C&I – O que você quer dizer com algo que ancore a psicologia?

Pedro Guareschi – Tomamos com o exemplo a língua, ela em si não tem vida, ela apenas existe quando falamos essa língua. Alguns entendem o social como algo que está fossilizado, corporificado, materializado, assim como o socialismo real entendia o Estado, como uma entidade em si. Voltando ao exemplo da língua, na realidade não se pode dizer que a língua é algo que existe em si, sem que haja alguém para vivenciá-la, do mesmo modo que sem a língua o indivíduo não se comunicaria. Deve existir alguém falando, esse alguém dá conta do singular, e a fala dá conta do social. Mas é impossível existir um sem o outro, isso é psicologia social.

C&I – O Sr gostaria de comentar sobre os livros que está lançando no momento? (*Mídia e Democracia e Psicologia social e crítica*²).

Pedro Guareschi – Nesse livro (*Psicologia social e crítica*), nos capítulos 10, 11, 12 e 13 eu discuto quatro realidades que para mim são os melhores exemplos de onde se coloca a psicologia social. O primeiro é a comunicação e a fala, como acabo de esclarecer. Em segundo temos a ideologia, que também não existe sem alguém que a ancore. O indivíduo

sozinho não teria uma ideologia se não houvesse tanto em conjunto de mitos, lendas e legitimações. O indivíduo não dá conta de toda a ideologia como ela não existiria sem alguém para ancorá-la. Depois temos o poder. Eu entro então em discussão com o Foucault, pois o poder existe nas posições, nos distintos estratos, nas diretorias, existe o presidente, o governo... Existe sempre alguém a ocupar o poder, mas o poder não é apenas isso. Poder, de fato, é algo que está perpasso em tudo. É impossível ser aceito um poder sem que seja roubado em parte do poder individual. Em tudo existe uma relação de poder. Finalmente, há a questão cultural. Existem os acervos culturais e eles foram feitos por alguém, mas a cultura apenas faz sentido quando é ancorada pelos indivíduos da comunidade, isto é, a cultura influencia a comunidade e esta aceita aquela influência. Os indivíduos não seriam os mesmos sem que houvesse aquela cultura. Aí está o campo da psicologia social, as quatro dimensões que considero extremamente psicossociais. Há autores que trabalham isso isoladamente, mas este é o caminho que acredito que dá conta de alguns problemas e nos encaminha em direção à construção de conhecimentos.

C & I – Professor, muito obrigado.

² Guareschi, P e Biz, Osvaldo, *Mídia e democracia*. Porto Alegre, P.G/ O.B, 2005 e *Psicologia social e crítica como prática de libertação*. Porto Alegre, PUCRS, 2005, 2ª ed.